

O poder político da Primeira Dama

70
RUY FABIANO
Repórter Especial

O martírio do presidente Tancredo Neves introduziu no primeiro plano do cenário político nacional uma nova (e surpreendente) personagem: Dona Risoleta Neves. O momento desautoriza prognósticos, mas é difícil imaginá-la — depois de tudo o que aconteceu — recolhida a uma convencional solidão de viúva. O carisma, a personalidade e a fé exibidos ao longo do calvário de seu ilustre marido impressionaram profundamente a opinião pública e transmitiram-lhe uma popularidade só inferior — pelo menos neste instante — à do próprio Tancredo.

Num País de pouca cultura política, não é pouco. É mais que suficiente para alçá-la a posições que não pleiteou e para transmitir-lhe poderes que jamais imaginou. Numa Nova República de destino imprevisível —, mas cuja heterogeneidade autoriza prever inquietações —, não lhe seria difícil ocupar espaço de poder, exercendo, dentro dele, todo o peso de sua popularidade recém-adquirida. Somente uma pessoa está em condições de impedir que tudo isso ocorra: ela própria, Dona Risoleta.

Na história brasileira, não se conhecem precedentes. Nem mesmo Dona Sarah Kubitschek. De JK, ela herdou as homenagens, as manifestações de pesar e a memória. Mas não herdou-lhe o mito. No

próprio velório de Juscelino, ela viu-se vencida pelo ardor da multidão, que arrebatou-lhe o caixão, incumbindo-se, com absoluta autonomia, do adeus final. Com Dona Risoleta, não. Ela dividiu com o marido a primeira cena de seu holocausto. Comandou todas as ações e identificou-se, definitivamente, com o mito que fica. Sarney herda de Tancredo o cargo e as responsabilidades. A Aliança Democrática herda-lhe o ideário político. Nenhum desses personagens, porém, credenciou-se a herdar o mito. Apenas Dona Risoleta estabeleceu com a opinião pública a empatia necessária para assumir, de corpo inteiro, a propriedade da legenda, que sobrevive ao morto.

Há uma comparação irresistível — em circunstâncias diferentes e a partir de fatores absolutamente distintos: Evita Perón, na Argentina. Coube-lhe igualmente herdar o mito do marido, mas com resultados políticos desastrosos. Com Isabelita Perón, mais recentemente, ocorreu o inverso: herdou o poder, mas não o mito. O resultado foi igualmente catastrófico.

Tais analogias podem parecer chocantes. Mas a mitificação é uma tendência comum nas sociedades pouco politizadas. E não costuma dar certo. A dimensão humana de Dona Risoleta, no entanto, tranqüiliza. Afinal, Tancredo não é Perón, nem a Nova República pretende dançar seu último tango.